Infernos Íntimos

Larissa Marques

a minha mãe, que me gerou e me trouxe a esse inferno repleto de paraísos. e a todas as mulheres de minha vida, as que conheço e as que ainda desconheço, as que habitam dentro e fora de mim.

Eis que o fenecimento nos encontra no exato momento em que nos encontramos conosco e/ou com a nossa consciência. A incompreensão dos dias e a certeza da morte nos revelam o nada que habita dentro de nossas cabeças: um cérebro ou uma alma? Continuaremos mal compreendidos até quando? Até revelarmos o que de mais íntimo existe em nós, mesmo estando conscientes de que toda a timidez e nudez sejam por si reveladas no cerne de tudo que externa a essência humana?

Victor Hugo elogiava Charles Baudelaire, talvez por sua astúcia, rompimento com a linearidade da poética elaborada no século XIX, ou simplesmente por seu descaso com tudo aquilo que era considerado honrado e permitido pela sociedade em seu tempo. Baudelaire não fora apenas o herdeiro da crítica à retórica sentimentalista instituída por Edgar Allan Poe. O negro e obtuso *nonsense* de Baudelaire são lúcidos e clareia as mentes imberbes do século XXI e, ainda, sugere que nos esqueçamos da dualidade que nos enfraquece diariamente por

nossos compromissos supérfluos, fortalecidos pela retórica atemporal do mito.

Larissa Marques é poetisa contemporânea deste século e tem como principal influência em sua produção o poeta francês Charles Baudelaire, companheiro, a partir de seus escritos, possibilitando-lhe leitura e longos diálogos consigo mesma. O 'eu' em Marques toma o caminho à tendência intimista do que poderíamos chamar de poesia pós-moderna. Esta que se vende com o intuito gratuito da representação do fato ou, simplesmente, a descrição personificada de imagens cotidianas.

Larissa Marques irrompe a seqüência lógica do retrato, coloca-se nele. Refere-se ao fato desastroso da conseqüência humana, arrolamentos desastrosos dos ideais, a partir do 'eu' e do 'outro' como a consciência doutrinada a marcar os limites e suas possibilidades dentro do comum, de sua áspera realidade ao intimismo alheio que evoca sua inquietação. Na abertura de

sua segunda coletânea poética intitulada "Infernos Íntimos", Marques confessa:
"[...] Somos pó desse universo/ Confuso, obtuso (...) Em Baudelaire/ Em meus sonhos secretos (...) Descobri-me, enfim,/ Verme desse universo absurdo [...]".

Todavia, não seria possível contextualizar "Infernos Íntimos" sem o vislumbre de Arthur Rimbaud em seu breve livro de prosa poética "Uma Temporada no Inferno", tanto pela referência ao título, quanto pela magnitude de sua poesia entrelaçando-se aos referenciais de Larissa Marques.

Rimbaud em seu inferno mais que íntimo, revive todo o delírio de sua poesia e as relações mantidas com as personalidades que marcaram sua vida e nos fala: *"[...] Consegui apagar do meu espírito toda a esperança humana. Para estrangular toda alegria, dei o bote surdo da fera. Chamei os carrascos para, morrendo, morder a coronha de seus fuzis. Chamei os flagelos para sufocar-me com a areia, o sangue. A desgraça foi meu Deus. Deitei na lama. Sequei no ar do crime. E preguei boas peças à loucura "*.

Embora não cite Rimbaud, involuntariamente Marques o revive, não porque exista o pessimismo em sua obra, mas sim por todo o esplendor de um referencial profético à juventude póstuma do poeta.

Sem dúvida Larissa Marques não segue as tendências do regionalismo ou do neo-romantismo seguido por inúmeros 'novos poetas' em busca do ressurgimento poético do novo século no Brasil. Mas, ela imprime força às suas palavras, que provam maturidade e dissensão.

Ao debruçarmo-nos sobre "Infernos Íntimos" de Larissa Marques, temos a sensação inicial de estarmos frente ao fim, o término de tudo que nunca tenha existido separado à nossa existência, o pessimismo, talvez evocado de forma ficcional, ou mesmo consentido, que reclama a ausência dos questionamentos internos, por ora evitados, ora acatados como anormalidades patológicas a serem tratadas.

Os poemas de Marques não têm o propósito de cura, mas de reflexão. E sua

objetivação direta se mostra despida de subterfúgios e adornos estéticos. Larissa propõe o diálogo, como um amigo dizendo a outro que o seu fim o aguarda, no desejo de que ele tome como partida a saída deste mal, nunca lhe mostrando o caminho a seguir, mas apontando-lhe o perecimento, revelando seus conflitos, seu inferno astral, sua vulnerabilidade perante seus atos e decisões.

Há uma tendência estilística no contexto de sua obra, quando trata com pessimismo vigoroso e seriedade assuntos ainda delicados na sociedade contemporânea, tais como a libido feminina, relações efêmeras, sexo casual, entorpecentes e falta de resignação, despindo a mulher ao perfilar seus desejos e repúdios à práxis moralista determinada pelo patriarcalismo. Marques explora seu universo feminino dando voz à mulher em seus momentos de maior introspecção:

"Aguçou minhas sensibilidades/(...) / foi-se sem aviso/ dilacerar novos seres.../ e no negro da noite/ esperei por ti/ reinventei-te/ em tragos

descomunais/ porções de haxixe/ campos de papoulas.../ e no negro da noite/ entreguei-me a outros braços/ a outros vícios/ quis-me paraíso narciso/ com cipós brotando nas narinas/ seus olhos habitando minha vagina.../ e no negro de meu ser/ seu sexo ereto em minha boca/ o martírio de vitórias-régias/ em meus olhos/ acordo sozinha/ vazia de nós."

No entanto, não há como falarmos de pessimismo sem remetermo-nos à obra do filósofo, ensaísta, dramaturgo, poeta e historiador iluminista francês François-Marie Arouet, conhecido por nós como Voltaire, que em um de seus mais importantes contos "Cândido ou o Otimismo", explana, a partir de personagens, sobre o otimismo e o pessimismo humanos. É nesta obra que Voltaire discorre entre a narrativa dos acontecimentos sobre a existência divina e sua proposta à humanidade, levando-nos, a nós leitores, a contradições e inflexões sobre o devir humano.

Seu personagem Cândido é um jovem criado por Pangloss, responsável por passar uma